

# Evo Fernandes só foi morto três dias depois de desaparecer

Expresso  
n.º 808  
(23/4/88)

EVO FERNANDES, o dirigente da Renamo encontrado morto, na quinta-feira, na Malveira da Serra, terá sido abatido menos de 24 horas antes de o respectivo corpo ter sido localizado. A autópsia, feita ontem, mostrou que tinha sido vitimado por um tiro no coração, como declarou a PJ, mas o corpo mostrava também perfurações de bala de calibre 6.35 na cabeça (de um tiro dado aparentemente de cima para baixo, porque o projectil viria a sair pelo pescoço) e mais três, no tórax e no ventre.

Informações que o EXPRESSO obteve indicam também que o rosto estava

barbeado, sendo de estranhar que um raptado tivesse tido a preocupação de cuidar desse aspecto. Isto leva a concluir que Evo Fernandes pode não ter estado sempre sob rigoroso sequestro. A roupa, porém, era aquela com que saíra de casa no domingo à noite.

O calibre das balas indica, por outro lado, que poderá ter sido utilizada uma pistola vulgar, de venda e legalização acessível a qualquer pessoa.

Quanto a Alexandre Cha-

gas, que com ele jantou no domingo, no Restaurante Beira-Mar, em Cascais, activamente procurado, foi conhecido que teria estado hospedado anteriormente num hotel da Costa de Caparica. O EXPRESSO pôde ontem contactar com o seu pai, residente naquela zona da margem sul do Tejo, mas este recusou-se a fazer quaisquer comentários ou esclarecimentos sobre o assunto, limitando-se a dizer que a PJ se encarregaria de saber tudo.

Soubemos também que as

fronteiras estão fortemente vigiadas, com instruções especiais a todas as forças de segurança para uma ampla operação de «caça ao homem». «Todas as polícias estão empenhadas na resolução deste caso», disse ao EXPRESSO o Gabinete do primeiro-ministro.

A polícia está igualmente empenhada em conhecer o papel desempenhado por um homem de negócios de Lisboa, Manuel Sacramento Gaudêncio, com escritório no Campo Grande, que esteve envolvido em relações ainda não clarificadas com Alexandre Xavier Chagas, que se relacionariam inicialmente com negócios, mas que resultaram

num empenhamento para realizar um encontro entre emissários «moderados» do Estado moçambicano (cujos nomes não poderiam ser revelados por motivos de segurança) e responsáveis da Renamo.

Em contacto com Manuel Gaudêncio, foi-no dito que isso lhe tinha sido pedido por Chagas, que em certa altura lhe apresentou três pessoas pertencentes ao movimento rebelde e que seriam Artur Janeiro da Fonseca (residente em Bona), Manuel Frank, porta-voz em Lisboa, e Ascêncio de Freitas, a funcionar como responsável da parte financeira da Renamo em Portugal.

(Continua na últ. pág.)



O momento em que o corpo de Evo Fernandes entrava na ambulância

# Evo Fernandes: Moçambique rejeita acusações

(Continuação da pág. 1)

Nesse encontro, também a pedido de Chagas, teria ficado assente que a conferência poderia vir a ter lugar numa herdade «de grande turismo» fora de Lisboa, a sul do Tejo.

## Viúva de Evo vai guardar cinzas

A família de Evo Fernandes atribui, porém, a Gaudêncio algum envolvimento no encontro do dirigente da Renamo com Xavier Chagas, de que viria a resultar o jantar em Cascais, que poderia ter sido aceite para acertar o encontro político de que tinham falado.

A viúva de Evo Fernandes mantém que a morte do marido não representa um ajuste de contas entre facções rivais dentro da Renamo, «pois, apesar das divergências, ele estava em consonância com os outros elementos da organização».

Ivete Fernandes revelou ao EXPRESSO que deseja mandar cremar o corpo do marido e que «guardará as cinzas para um dia, quando puder ir a Moçambique,

as espalhar por cima daquele país».

Embora posteriormente tenha declarado que não conhecia senão superficialmente as actividades de Evo Fernandes, a mulher disse-nos expressamente, na terça-feira: «O meu marido estava envolvido num processo de negociações com a Frelimo, em completa sintonia com o presidente Dlakhama e com a Renamo. Se ele aceitou jantar com aquelas pessoas, isso deveu-se ao facto de o jantar ser mesmo para preparar as negociações, para preparar a apresentação de pessoas do Governo de Maputo, para estabelecer uma agenda de trabalho».

Recorda-se que Evo Fernandes tinha estado já este ano em território de Moçambique, segundo fez saber em Portugal, e que para lá viajou num «Dakota» sem matrícula, com Artur Janeiro da Fonseca, a partir da África do Sul — e que ambos viriam a ser recolhidos, também de avião, mais tarde.

A morte violenta de Evo Fernandes vem chamar a atenção

para acontecimentos semelhantes ocorridos recentemente. Recorde-se o desaparecimento de dois outros dirigentes numa estrada do Malawi, em Dezembro do ano passado, para além da fuga para Maputo do antigo porta-voz Paulo Oliveira, na sequência de eventuais ameaças que tinha recebido em Lisboa.

## Agente de Moçambique esteve em Lisboa

Uma fonte diplomática moçambicana contactada ontem pelo EXPRESSO reafirmava a posição do Governo de Maputo: «Nós não usamos esses processos, repudiamos esse tipo de actuação».

O mesmo informador declarou que nenhuma instância moçambicana poderia estar por trás da eliminação física de Evo Fernandes — contrapondo-se assim às reiteradas acusações da viúva, segundo as quais «agentes de Maputo» terão estado na origem do crime, que começou com o rapto da vítima, no domingo depois de um jantar em Cascais, e que culminou com o assassinato

do dirigente rebelde, ultimamente afastado das suas funções de secretário-geral da Resistência Nacional Moçambicana, mas que mantinha um estatuto especial nos contactos com o líder dos rebeldes, Afonso Dlakhama. Ivete Corte-Real Fernandes, mãe de cinco filhos e segunda mulher de Evo Fernandes, disse textualmente ao EXPRESSO, antes de saber da morte do marido: «Trata-se sem dúvida de um rapto político em que está envolvido o Snasp, mas não só: o americano Tom Schaff está também envolvido. Ele tem tentado sempre criar problemas à Renamo, a mando do delegado nos Estados Unidos, Luís Serapião».

Registe-se, a este respeito, que as autoridades portuguesas detectaram também, segundo o EXPRESSO soube ontem, que dias antes do desaparecimento da vítima esteve em Lisboa o agente da Snasp Inácio Natividade, que usa também o nome de Ahmad Mikimede, um homem que partiu para Maputo no avião de segunda-feira à noite.

## Filho de um comerciante

Evo Fernandes, um português de 44 anos de origem goesa nascido na Beira, em Moçambique, foi um dos primeiros elementos da então RNM, estabelecida na antiga Rodésia.

O passado de Evo Fernandes (filho de um pequeno comerciante estabelecido naquela cidade, que também geria um modesto hotel) ficou ligado à sua actividade junto de Kaulza de Arriaga, no sector de Justiça Militar, de onde passou para a Judiciária de Moçambique, antes de optar por um papel tido por importante próximo de Jorge Jardim.

Regressado à capital portuguesa, onde tinha concluído o curso de Direito antes de entrar nas Forças Armadas, foi administrador da Bertrand e manteve com Manuel Boulosa um relacionamento que teve repercussões na continuidade da Renamo.

De então para cá, manteve-se em lugar-chave da organização, quer como secretário-geral quer, mais tarde, como responsável por um departamento de estudos.